

Sexualidades, corporalidades e transgêneros: narrativas fora da ordem. ST 16  
Adrianna Figueiredo  
UFPE  
Palavras-chave: Identidade; Gênero e Performance.

## **Você Já OuvIU Falar na Dor da Beleza? Experiências, Corpo e Afetividades na Identidade Transgênero**

### **Identidade Corporificada**

Ao se deparar com sua inadequação identitária, em seu enfrentamento diário com o espelho e com suas afetividades, as transgêneros alicerçam sua construção enquanto sujeitos, através dos agenciamentos que estas estabelecem entre o processo de liberação, do eu, que passa necessariamente pelo (re) modelamento de seus corpos, e de constrangimento, através do enfrentamento pelo qual este corpo modificado, híbrido de categorias, passa em suas relações cotidianas. Vivenciando a experiência de corporalidade ou corporificação.

Este processo de corporalidade se constitui, como coloca Sônia Maluf (2002), justamente como experiência que reúne afetividades, *habitus* e vivências, que são inscritas nesses corpos (re) moldados, nestes corpos vividos. Corporificando e concretizando, experimentando assim o percurso de busca por uma adequação identitária, confundem-se elementos de individualismo, baseados num discurso empreendedor da busca de satisfação pessoal e de holismo onde são incorporados os modos de comportamento socialmente compartilhados que circundam as classificações de humanidade e papéis de gênero no imaginário na realidade social brasileira.

Através de seus atos de falas e atitudes *performativos*<sup>1</sup>, é possível notar que as representações norteadoras de suas concepções de feminino e masculino, e daí a forma como fazem uso de seus corpos, bem como suas atitudes significantes de gênero, maneiras, hábitos e gestuais que são tomados como representação e expressão da feminilidade e masculinidade, onde se busca não apenas esse corpo “afeminado”, bem como gestos e práticas que o traduzam, encontram-se permeadas pela concepção da heteronormatividade, pautadas, como podemos perceber em campo, preponderantemente nas representações imagéticas relacionadas às representações de paternidade e maternidade, em que se apreende as "formas" ideais de ser "mulher" ou "homem", manufaturadas pelas normas e convenções sociais, formas pré-estabelacidas de controle da sexualidade, que se figuram no imaginário social como ontológicas e pré-discursivas. O homem, o pai, figura-se em suas falas representado por elementos de força, violência, veto, virilidade e a mãe é a imagem do

recalque, de expressões contidas, de afetividade, submissão, vitimização e romantismo, mas também permeadas por uma atmosfera de "mulher guerreira e lutadora" ao mesmo tempo passional. Imaginário esse que permeia conseqüentemente suas formulações sobre feminilidade e masculinidade. Suas atitudes performativas de gênero acabam, ambigüamente, reiterando normas, através dessas ações guiadas pelo universo moral da *heteronormatividade compulsória*, o que demonstra sua artificialidade e suas estruturas pré-fabricadas, a contraponto em que se demonstram as fragilidades das fronteiras de gênero, ao transgredir um ethos "naturalmente" masculino, fundindo-o com elementos que são reinventados e (re)significados no processo de construção de uma identidade *trans*.

A cada aplicação de silicone, plásticas, caminhadas cotidianas, são reiterados as suas performances novas formas de se servir desses corpos, detalhes que vão fundindo-se e moldando paulatinamente esse "novo" ethos.

O corporificar desses agenciamentos passa necessariamente pelas práticas e técnicas corporais, e a frase que encabeça o título desse estudo, e que foi anunciada em quase todas as entrevistas, se materializa como a argumentação central no que diz respeito à busca deste ajustamento identitário, o qual, como foi sentido nas entrevistas e no campo, passa, necessariamente, por sofrimentos tanto físicos, relacionados as suas práticas corporais, quanto no campo de suas instancias afetivo-emocionais, no enfrentamento deste corpo (re) modelado em suas sociabilidades cotidianas. E que nos leva a pensar em como a dor alia-se a prazer. No ato de fala, traduzido pela máxima: "*Você Já Ouviu Falar na Dor da Beleza?*", percebe-se as naturalizações, as justificativas dos sofrimentos, dores e desejos, enfrentados neste processo de adequação de uma identidade que *a priori* residia apenas no campo simbólico e afetivo, que agora se corporifica através dessas práticas e motivações. Ainda, é justamente neste processo de corporalidade, que podemos perceber o sujeito, não apenas como fruto da sociedade e da cultura, e nem tampouco como um ser ontológico, pré-essencial, salientando assim não apenas um construto, mas percebendo a partir de então como o indivíduo se molda e se constitui através dos importantes agenciamentos estabelecidos entre as multiplicidades de elementos deste mundo vivido, que são agenciados no tocante a sua subjetividade e interações. Enfatizando desta maneira o papel das relações indivíduo-mundo que se constituem e são constituídas complementarmente, percebendo como o indivíduo é capaz de mover-se dentro de estruturas sociais e de poder.

A análise efetuada neste trabalho se dirigiu justamente para esta direção. A inquietação de trabalhar com esses indivíduos que questionam dicotomias e linearidades, levou a procura de um ampliar deste olhar analítico. Os paradigmas já antigos a antropologia, sejam estes culturalistas, funcionalistas, estruturalistas, que possuem em seus alicerces teóricos o sobrepôr de fatores em detrimento a outros; cultura em relação a indivíduo, função em relação a quererem, universalidades a particularidades, causaram uma inadequação para o desvendar destas novas construções identitárias, indubitavelmente ambíguas, que nos levam a questionamentos sobre as classificações de ser humano, categorizações dicotômicas e aprisionantes, pautadas no pensamento racionalista, que reiteram e regulamentam a forma de como devemos servir de nossos corpos para preencher tais códigos, e aqueles que não se encaixarem nestas convenções são delegados a espaços, como coloca Butler, de *abjeção*<sup>2</sup>. Discussão esta que vem sendo atualmente trabalhada pelos chamados teóricos da pós-modernidade, onde se questiona a existência dessas linearidades e constâncias nas formas como interagimos e nos agenciamos na conjuntura atual. Focando-se não mais no vislumbrar de um produto fatalmente alcançado, como algo dado, papéis sociais fixos, elementares ou simplesmente impostos. Os construtos anteriormente excluídos como partes de um organismo de plástico, em que peças se encaixam sem vida, sedem lugar a concepção de um indivíduo que se constrói através de negociações infinitas entre self e subjetividades. Onde se encontram e se misturam coerção e liberdade, é nenhum dos fatores sejam estes natureza, cultura, estrutura ou função, sobressaem-se à construção. A inspiração de Pirandello, somos “Um, Nenhum e Cem mil.”, sendo ambigualmente sensíveis ao mundo das coisas.

Neste florescer de identidades múltiplas e de fragmentação das antigas localizações e postulações as quebras de fronteiras de gênero se apresentam como um assunto bastante revelador dessas identidades móveis, em que o fenômeno transgênero, "... se revela como uma experiência reveladora da instabilidade do gênero" (Maluf, Sônia; 2002: 148).

### **Da Liberação: Transgressões de gênero, subjetividades através das práticas corporais.**

A busca pela realização individual passa necessariamente por suas práticas e técnicas corporais, que vão desde intervenções cirúrgicas, até a reeducação dos hábitos e gestuais que representam as classificações de gênero. O que se pretende refletir aqui é exatamente como essas práticas, que são extremamente dolorosas, aliam-se ao prazer, e ainda encontram-se diretamente atreladas e tão promulgadas nas falas, elevação da auto-estima. Aqui a dor não é sentida apenas no trato social, no âmbito das vivências afetivo-emocionais, a dor da rejeição familiar e social, da

*abjeção*. Mas também uma dor sentida e vivida através da reconstrução e do remodelamento desta “nova carne”, onde “O principal trabalho do travesti é a correção de sua própria natureza”.(Silva, Hélio; 1993: 37). Na minha opinião, talvez não seja necessariamente a “correção de sua natureza” , como se existisse uma natureza ontológica a ser seguida, mas sua adequação corpórea e comportamental a esta “natureza”, que também se apresenta como um construto social, já que os comportamentos de cada gênero é algo construído que sofreu e ainda sofre mudanças constantes, e como coloca Turner (1992), o corpo se apresenta indelevelmente como veículo de expressão das experiências afetivas e emocionais. O corpo se configura como agente e objeto da mudança. E neste duplo processo o corpo serve a acentuar, a apresentar a mudança, ao mesmo tempo em que se constitui como o próprio objeto a ser modificado.

As técnicas corporais se apresentam como o instrumento que atua sob este veículo que é o corpo, das expressões e das experiências, e assim como o é para Mauss, estas técnicas se apresentam, como “... as maneiras como os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos”.(Marcel, Mauss: 211).

E em se tratando da sociedade contemporânea, esta se encontra marcada pela ínfima relação da tecnologia com nossa existência, as práticas cirúrgicas, plásticas e próteses, se apresentam como as novas técnicas, caminho pragmaticamente inevitável, que guiam nosso comportamento. Sendo que “Cada sociedade têm hábitos que lhes são próprios” (Mauss: 213), conclusivamente temos presenciado através dos meios de comunicação de massa, uma verdadeira ode ao corpo através da interferência da tecnologia em instancias que não mais nos satisfazem, porque não traduzem as exigências de nosso tempo.

Neste sentido, se nas décadas de 50, 60 e 70, ser travesti era usar peruca e enchimentos de espuma para moldar o corpo, a partir da década de 80, estas técnicas são substituídas e impulsionadas pelo crescente desenvolvimento tecnológico, principalmente no campo da estética. As perucas são substituídas por implantes de cabelo, que requer um trato diário, e os inofensivos enchimentos, pelo hormônio, pelo silicone industrial, pelas próteses e por inúmeras cirurgias, práticas as quais se submetem em prol de suas satisfações pessoais. Deste modo, “Na sociedade contemporânea, o prazer e a satisfação pessoal tomam centralidade no processo de subjetivação [...] O corpo muitas vezes é visto do ponto de vista liberal (Locke), i.e., enquanto propriedade, onde seu dono faz dele o que quer. Sendo então campo de liberação social, sexual e cultural” (Campos, Roberta; 2003).

A questão da auto-estima, da satisfação pessoal, está diretamente relacionada com o corporificar desta imagem. As formulações sobre suas modificações corporais encontram-se baseadas na "*satisfação pessoal*", "*sempre sonhei e desejei me formar assim*", do "*agora sou realizada*", ou ainda "*estou me completando*"<sup>3</sup>. Quanto mais preencher estas expectativas, de possuir um imperativo feminino em seus corpos, mais estará elevando sua auto-estima. Esta satisfação pessoal, representada pela tão proferida auto-estima, se apresenta como argumentação central, das quais elas se referem, acerca de suas práticas corporais, onde dor e prazer encontram-se na mesma esfera. Por diversas vezes a frase "*Você já ouviu falar na dor da beleza?*", reforça a justificativa a todos os sacrifícios enfrentados na busca pela adequação corpórea de sua identidade *trans*, e revela este duplo processo de prazer e dor<sup>4</sup>. Lançam-se na busca incessante pela materialização de seus desejos, e percorrem um caminho cercado de dor e inseguranças, que quando colocados na balança, se apresentam como resíduo diante da adequação e satisfação pessoal que podem proporcionar.

Estas práticas também podem ocasionar danos irreparáveis ao corpo, quando ocorre rejeição, ou ainda quando não são corretamente administradas. Escorrem para outras partes do corpo, e sua manutenção se dá através do uso de hormônios que impedem seu enrijecimento. Evitar exercícios de alto impacto, brigas ou pancadas, estão também no cerne desses cuidados. Denise conta que assim que colocou o silicone nos seios se envolveu numa briga, quando chegou em casa assistia seu silicone escorrer, por fora do corpo, junto com suas lágrimas. Muitas ficam também com o silicone "mole", gelatinoso, o que traz um certo constrangimento, complexificando a busca por um ideal estético.

Como essas práticas corporais muitas vezes deformam o corpo das travestis, e também como forma de esconder algo em seus corpos que revelem algum imperativo masculino, elas encontram estratégias, como coloca Patrícia, ao elencar as diversas maneiras de se dissimular estas "deformidades", como puxar a pele que ficou "gelatinosa" com emplaste sabiá, meias, tratamentos estéticos, entre outras táticas de simulações. Chamei este jogo de esconde, puxa, estica, de "*Síndrome da Madama Butterfly*", assim como o amante da personagem Madame Butterfly, da magistral obra de Puccini, muitos dos amantes das travestis não conhecem totalmente seus corpos. E desta forma este corpo se apresenta como uma "*fantasia passageira*" (Denizart, Hugo; 1997: 9), que pode a qualquer momento ser revelada. Como disserta Jakeline a respeito de sua cicatriz, fruto da rejeição do silicone industrial<sup>5</sup>.

Assim, existe, é claro, a expectativa da recompensa depois de tantos sofrimentos e enfrentamentos com situações de risco. Poderíamos dizer que é um sofrimento em prol do prazer, mas não num sentido ocidental de prazer sexual, do gozo, o que vai de encontro a muitas formulações de autores que trabalharam com este grupo, onde se acentuava que a questão do travesti é preponderantemente sexual, assim como não o é o ato de se prostituir.

Sublinha-se, sobretudo, que este prazer é sentido pelo desejo que este corpo modificado possa incitar no outro. O seu desejo perpassa o desejo do outro. A sua satisfação pessoal, a sua recompensa encontra-se também no vislumbrar do desejo que o seu companheiro irá sentir ao se defrontar com este corpo modificado, atraído por sua ambigüidade, que a possibilita sentimentos de aceitação e afetividades amorosas, tomadas com muito encanto e prezo por esses indivíduos que experimentam imperativamente sentimentos de angústias, rejeição e solidão durante suas trajetórias de vida. Misturando-se assim em suas formulações elementos de subjetividade e sociabilidade<sup>6</sup>.

Essa dualidade, bem como acionar circunstancial de papéis, apontam incisivamente para as fragilidades das fronteiras de representação de gênero. Essas fragilidades são amplamente evidenciadas nas falas das entrevistadas quando questionadas sobre seu sexo; suas respostas são tão variantes quanto a complexidade do humano pode nos sugerir, e as dúvidas apresentadas em suas expressões faciais demonstram os questionamentos das já postas classificações que permeiam o imaginário social, onde sua transcondição apresenta a artificialidade e arbitrariedade dessas categorizações. As respostas variam entre se considerar pertencentes a uma categoria de "sexo", ou transexual, ou do sexo feminino, ou do sexo masculino ou ainda simplesmente travesti. O que podemos notar, contudo, é que estas respostas variantes, que traduzem o híbrido declarado em seus corpos, onde se (re) constroem símbolos do feminino sobre o masculino, revelam-se como fator argumentativo para instabilidade das representações de gênero, sentidas através das transgressões desses significantes. Os quais alçam também, junto com outras prerrogativas, as bases de sua construção identitária, que passa imperativamente por suas práticas e técnicas corporais que subvertem as representações de um corpo essencial. Conclusivamente, essa transgressão demonstra tanto a contingência quanto os atos imitativos e performativos do gênero, nos levando a adotar uma perspectiva relacional, e a sentir o gênero a partir das relações sociais e das performatividades que os engendram, para além das concepções de diferenças sexuais. Ressaltando que este conceito se constrói a partir de outras diferenças, como classe, raça e sexualidade<sup>7</sup>, e onde saliento baseada neste estudo o papel da subjetividade nesta nova perspectiva das conceitualizações de gênero.

## REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre.. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco zero, 1983
- BUTLER, Judith. **Corpos que pensam: Sobre os limites discursivos do “sexo”** IN: LOURO, Guacira Lopes (org). **O Corpo Educado. Pedagogias da Sexualidade**. 2ª.Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Problemas de Gênero. Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003:185-214.
- CAMPOS, Roberta. **Cultura de Consumo e Subjetividade: Entre Próteses, Dietas e Musculação Onde Está o Prazer?** IN: **Projeto de pesquisa**.
- DENIZART, Hugo. **Engenharia Erótica. Travestis no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1997.
- MALUF, Sônia. **Corporalidade e desejo: Tudo sobre minha mãe e o Gênero na margem**. **Revista de Estudo Feminista. Vol no 1**. Florianópolis, 2002.
- MAUSS, Marcel. **Antropologia e Sociologia. (coletânea)** Capitulo: As Técnicas Corporais. São Paulo: EDUSP. 1974.
- MOORE, Henrieta. "The differences within and the differences between" In: DELL
- VALLE, T. **Gendered Anthropology**. London: Routledge, 1993:193-204.
- SILVA, Hélio. **Travesti: A invenção do feminino. Etnografia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará / ISER, 1993.

---

<sup>1</sup> A noção de *performance*, como teorizada por Butler, relaciona-se com a concepção de *materialização*, na qual um ideal regulatório é materializado através de práticas e ações altamente reguladas. Assim a "... performatividade deve ser compreendida não como um 'ato' singular ou deliberado, mas, ao invés disso, como prática reiterativa e situacional pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia" (BUTLER, 2001: 154). Atuando neste sentido como ratificação de uma norma ou de um conjunto de normas, revelando sua estrutura imitativa e contingente. Esses atos, gestos e ações performativos expressam, portanto, "... as fabricações manufaturadas sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos".(IDEM, 2003: 194).Acentuando-se aqui para a presente argumentação as concepções da *heterossexualidade compulsória*.

<sup>2</sup> "o abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas 'inóspitas e 'inabitáveis' da vida social, que são, não obstante densamente povoadas por aqueles que não gozam do status de sujeito [...] Neste sentido, pois, o sujeito é constituído através da força da exclusão e da abjeção" (Butler, Judith; 2001:155)

<sup>3</sup> Falas retiradas das entrevistas, relacionadas às recompensas de suas modificações corporais.

<sup>4</sup> "Eu sofro até hoje a dor da beleza. É uma dor constante, principalmente pra nós travestis que não temos renda, fica complicado o acesso a cirurgias plásticas. Terminamos recorrendo ao recurso mais barato, e acabamos nas mãos das bombadeiras. O barato que muitas vezes sai mais caro. Mas fazer o que? Essa busca nos consome e temos que fazer. [...] Olha, sabe como é a questão que faz a auto-estima nossa, vale tudo pra ficar bem, pra se olhar no espelho e se amar, vale tudo pra sentir-se bem" (Jakeline Brazil, 40 anos).

<sup>5</sup> "Eu gostaria de botar um biquíni e ir pra praia com meu namorado. Eu não fico nua completamente na frente do meu namorado. Tem muitos namorados meus que passaram pela minha vida, que nem sabiam dessa cirurgia. Nós travestis temos que ter jogo de cintura, no jogo da sedução. Então tem um namorado meu que há dois anos que estou com ele, que ele nunca percebeu isso. Porque eu tenho jogo de cintura, jogo de sedução, que ele não percebe a maneira de tocar. Ou você tem esse jogo de cintura ou as pessoas te repelem no mesmo momento."(Jakeline, travesti,40 anos)

<sup>6</sup> "Eu comecei a tomar hormônio quando cai na prostituição, aos 13 anos. Foi a coisa mais linda que já aconteceu na minha vida. Eu acho que toda mulher quer sentir o prazer de brotar o seio. E foi uma sensação ótima por que eu comecei a ter seio, a ser comparada com uma mulher, sentir um homem beijando na minha boca, me dando prazer, aí me deu mais vontade ainda de continuar, foi uma mudança que eu sempre quis, e gosto até hoje, eu gosto de dormir mulher e me acordar mulher". (Denise, 40 anos)

---

<sup>7</sup> Como salienta Moore (2003)